

Alta letalidade da ação policial no Rio de Janeiro: o eterno retorno

Freio nas ações em favelas durante a pandemia reduz número de mortes e fragiliza discurso oficial que defende a violência policial no combate ao crime. Depois de quatro meses em queda, número de ocorrências sobe 425% em outubro

Silvia Ramos e Pablo Nunes
10 de novembro de 2020

FÁBIO TEIXEIRA (P)/FOLHAPRESS



Em plena luz do dia, policial fortemente armado busca traficantes na favela do Jacarezinho

Segundo monitoramento do Observatório da Segurança Pública RJ [1], as mortes em operações e patrulhamentos aumentaram assustadoramente em outubro, quando comparadas aos meses anteriores sob a vigência da medida do Supremo Tribunal Federal (vigente desde 5 de junho), que determinou a suspensão de operações policiais em favelas durante a pandemia.

Em outubro, depois de quatro meses mantendo a letalidade das ações sob relativo controle, as mortes decorrentes foram 63, representando um aumento de 425% em relação ao mês anterior, quando as polícias mataram, em operações monitoradas, 12 pessoas.

Operações e patrulhamentos, mortos e feridos de junho a outubro de 2020 (*)

	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
Operações policiais	68	63	67	59	81
Patrulhamentos	159	191	169	180	181
Soma de operações e patrulhamentos	227	254	236	239	262
Mortos em operações e patrulhamentos	14	21	32	12	63
Feridos em operações e patrulhamentos	16	17	23	33	32
Ações policiais com 3 ou mais mortos	1	3	5	1	7

(*) Ações policiais monitoradas pelo Observatório da Segurança do Rio de Janeiro (operações patrulhamentos)

Olhando os dados monitorados pelo Observatório, na tabela acima, chama a atenção que o número de operações e patrulhamentos [2] não sofreu alterações expressivas nos meses sob a determinação da ADPF 635, chamada [ADPF das Favelas](#), mas a taxa de letalidade das operações saltou, correspondendo aparentemente a uma retomada da política de operações violentas com confrontos e tiroteios, com resultados letais.

O mito da violência policial necessária

O freio nas ações policiais violentas em favelas no RJ a partir de 5 de junho de 2020 determinado pelo STF (redução de mais de 70% de mortos pelas polícias) deixou à mostra uma das fragilidades dos discursos oficiais: de que a violência policial é necessária para combater a criminalidade. Mas de junho a setembro as mortes por ação policial despencaram e os crimes contra a vida e contra o patrimônio (roubos de cargas, veículos, transeuntes), todos sem exceção, ficaram estáveis ou se reduziram.

A polícia tem usado o discurso da guerra às drogas para justificar a máquina de morte que sustenta a lógica de segurança que se pratica no estado há décadas. A lógica tem um componente altamente racista, porque a violência atinge as favelas e 80% das vítimas de ação policial letal no Rio de Janeiro são negras. O estado mantém uma máquina de matar, com blindados, fuzis, equipamentos de guerra e helicópteros, e não consegue criar alternativas de segurança pública sem matança.

Na prática ocorre que, depois de confrontos, as facções de drogas e os grupos de milícias se tornam mais fortes nos territórios sob seu domínio. Traficantes e milicianos ficam mais agressivos com moradores e mais hostis às polícias. Encomendam mais armas e munições, que não são interceptadas. Como resposta, as polícias fazem mais operações nas favelas, com mais tiroteios e mortes. E assim o ciclo se repete há décadas. A política de operações e mortes adotada pelas polícias fluminenses é precisamente o que favorece a criminalidade armada no Rio.

No estado, assim como em outras partes do Brasil, políticas de prevenção da violência e de uso de inteligência e investigação foram abandonadas em favor de abordagens violentas focalizadas no varejo do tráfico nas periferias, operado pelos microcriminosos, em geral muito jovens e negros que enchem as prisões e os cemitérios. Programas como PRONASCI, Fica Vivo, UPPs, Pacto pela Vida, Ceará Pacífico e vários outros em âmbito municipal foram abandonados.

Ultimamente, no Rio de Janeiro, temos visto o uso, por parte de policiais e de alguns setores da mídia, da expressão “narcomilícia”. Trata-se de uma estratégia para legitimar as execuções de negros de favelas e periferias envolvidos em grupos armados que – por incompetência policial – dominam os bairros periféricos do estado há muito tempo. O nome “narco” induz a noção de que as ações violentas contra as milícias são contra as drogas: e as drogas, como se sabe, justificam todas as “guerras” que temos perdido há décadas.

O governador em exercício deve explicações à sociedade

O estado do Rio de Janeiro não tem secretário de segurança há dois anos. Claudio Castro tornou-se governador em 28 de agosto, substituindo Wilson Witzel, afastado para responder a processo de *impeachment*. Em 14 de setembro, Castro confirmou o coronel Rogério Figueiredo para a secretaria de Polícia Militar e nomeou o delegado Allan Turnowski para a secretaria de Polícia Civil. No início de outubro, em entrevista coletiva os dois secretários afirmaram que as operações policiais “continuariam no Rio de Janeiro”. Desde então, as mortes decorrentes de ação policial explodiram.

Castro, Figueiredo e Turnowski devem responder pela volta da letalidade policial a patamares inaceitáveis. Também perguntamos se o Ministério Público do RJ vai assistir passivo a essa matança e se o STF vai tolerar ser desrespeitado. Os números das [ações policiais com mortes em outubro estão aí](#).

[1] Observatórios de Segurança monitoram os principais veículos de imprensa, contas oficiais das polícias, secretarias e de outras organizações da sociedade civil nas principais redes sociais, além de grupos de WhatsApp

[2] Classificamos as ações policiais como “operações” quando um grupo de policiais é destacado para determinado local, a fim de cumprir objetivo específico e pontual e “patrulhamentos” como ações cotidianas de ronda ou o chamado “baseamento”.

Silvia Ramos e Pablo Nunes

Coordenadores da Rede de Observatórios de Segurança- CESeC e associados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

<https://www.fontesegura.org.br/multiplas-vozes/ep46syv3ou>

